

O fracasso do plano representa um grau elevado de instabilidade política

1983



Tudo indica que a inflação tende realmente a desacelerar. O pico da aceleração correu na terceira ou quarta semana de outubro. Há uma tendência de desaceleração no primeiro trimestre do ano que vem, embora haja muitas pressões para que não seja significativa. Essa é uma expectativa do governo. Parece, inclusive, que o governo condicionou sua posição no entendimento nacional à possibilidade de fazer alguma retificação na política econômica, exatamente para aguardar a queda da inflação e também a posse do novo Congresso.

Quanto à trajetória do Plano Collor, com o salto da inflação para dois dígitos, representa uma coisa de que os economistas não gostam muito: a nítida manifestação de uma extraordinária resistência da cultura inflacionária. São padrões comportamentais inflacionários arraigados na sociedade brasileira, sobretudo na sociedade organizada. Temos uma fortíssima propensão inflacionária, associada a uma enorme capacidade de adaptação à situação de inflação crescente. Ou seja, a sociedade organizada mantém uma grande capacidade de auto-defesa diante da inflação.

Entretanto, há um custo nessa história. Cresce a sociedade informal brasileira, que é majoritária. Aumenta o nível de pobreza, pois o setor informal tem reduzida sua capacidade de autoproteção, que já é mínima. O aprofundamento do grau de pobreza, associado à redução acentuada da oferta — principalmente de alimentos —, pode produzir, mais do que pressões sociais, problemas sociais graves quanto mais acentuada for a recessão. Por exemplo, saques e distúrbios de rua.

O problema comportamental é grave. Quando um setor produtivo

resiste à política econômica por meio da redução da oferta, em lugar da redução dos preços, o que se vê é um desvio de comportamento aplicado. Esse setor formal, paradoxalmente, transfere toda a responsabilidade para o governo, inclusive seu mau comportamento. E alimenta a oposição corporativa à política econômica. Os mercados financeiros tendem a trabalhar em prazos cada vez mais curtos, o que é típico dessa tentativa de resistir à política do governo a qualquer preço. Mas é importante considerar que, se no primeiro trimestre de 1991, a inflação ainda for alta, apesar da recessão, cairá a popularidade do presidente Collor, o que agravará o problema político.

Apostar no fracasso do governo não significa apostar, como pensam algumas lideranças políticas, na antecipação do parlamentarismo ou na solução dos problemas. Ao contrário, o fracasso deste governo representa um grau elevadíssimo de incerteza, de instabilidade política, que, associada à gravidade da crise econômica, poderia fazer com que o país não desse certo. Um país, de fato, pode não dar certo. Depende do grau de insensatez dos seus cidadãos.

As lideranças políticas — tanto no setor corporativo, como no setor partidário e no Executivo, sobretudo o presidente da República — devem ter consciência de que há um risco grave de ruptura político-institucional que pode levar o Brasil a um processo de decadência pelo qual a Argentina já passou. Tenho expectativas sombrias para 1991. Mas se o primeiro trimestre apresentar a possibilidade efetiva de uma aliança mais orgânica, mais consistente no Congresso, imagino que seja possível atravessar essa turbulência com menos problemas.